

Ruth, raízes e asas

Durante todos estes anos que me separam de 1989, quando defendi na USP minha tese de doutorado, pude observar o quanto um orientador pode facilitar ou complicar a vida de um orientando. Isto tanto em termos das funções estritamente acadêmicas, que dizem respeito à confecção do trabalho que vai ser apresentado e julgado por uma banca examinadora, quanto no que diz respeito à trajetória de vida do futuro doutor. A relação orientador- orientando não se circunscreve aos anos dos cursos e aos muros da Universidade.

As fronteiras da Academia são porosas. Mesmo quando evoca a neutralidade científica, o mundo acadêmico não está inerte aos embates do campo político. Ao contrário, via de regra, vozes vindas de lá retro-alimentam controvérsias e legitimam tomadas de posição política, não necessariamente partidárias. Neste sentido, os anos 80 foram marcantes para as assim chamadas ciências sociais brasileiras. No final da década anterior, em contraposição à ditadura militar, reinava um considerável consenso sobre a importância e o papel aglutinador e democratizante dos “novos movimentos sociais”. Porém, após a campanha em favor das eleições diretas, a Nova República provocou reposicionamentos: explicitaram-se dissensos sobre criação de centrais sindicais, sobre o papel das comunidades eclesiais de base, sobre a rearticulação partidária e fundação de novos Partidos Políticos. Imaginem, então, o que, naquele momento, poderia ter significado para mim pesquisar e produzir costuras interpretativas sobre o caráter e o papel dos movimentos sociais de berço católico, majoritariamente engajados na fundação do PT, tendo como orientadora a antropóloga Ruth Cardoso, sabidamente mais próxima das concepções que orientavam o PSDB.

Tive sorte: minha orientadora era uma destas pessoas que realmente valorizava resultados de pesquisa de campo e a convivência com a diversidade. É verdade que estas ênfases fazem parte de nossa tradição disciplinar. Porém, falar sobre diversidade é muito diferente de exercitá-la cotidianamente. Não é fácil separar nossas escolhas teóricas e políticas das de nossos orientandos. Poucos sabem que, para além de seus méritos históricos, o relativismo cultural pode ser um excelente antídoto para os autoritarismos disfarçados e crenças arraigadas nas hierarquias acadêmicas. Ela sabia. E me deu liberdade para fazer minhas apostas e correr riscos acadêmicos e políticos.

Após a eleição de Fernando Henrique Cardoso, a encontrei algumas vezes. Ela começava montar o Comunidade Solidária e chegou a me convidar para as primeiras discussões. Naquele momento, compartilhávamos da mesma crença de que havia um Brasil que não era levado em conta nem pelos clássicos parâmetros da ciência política nem por indicadores estritamente econômicos. Associações de todos os tipos, redes religiosas e culturais, iniciativas locais deveriam ser convocadas para desencadear ações solidárias e dinâmicas integradoras. Discordássemos apenas em um ponto: ela apostava mais no voluntariado e eu acreditava na necessidade de mais presença indutora do Estado. Não por acaso, – já no início do governo do governo Lula – em um encontro promovido pela ONG Comunitas, quando enfatizei as continuidades entre o que havia sido feito nos anos FHC e as propostas de política social em curso, Ruth expressou sua preocupação com o que seria um atual viés estatizante. Uma vez mais houve um diálogo respeitoso e instigante.

Mais tarde, durante o tempo que estive em Brasília colaborando com o desenho e a implantação da política nacional de Juventude, os diálogos só aconteceram por meio de textos, lembranças, eram discussões imaginadas. Sempre com pontos polêmicos e previsíveis discordâncias. Mas, como pano de fundo, havia uma convergência que me fazia almejar encontros reais. Muitas vezes tive vontade de lhe contar sobre os Brasis – com suas redes, movimentos, segmentos - que se encontravam no Conselho Nacional de Juventude. Aquilo era uma demonstração da riqueza e do potencial da sociedade civil, tão valorizada por Ruth Cardoso. Portanto, neste momento de perda, não se trata de restringir sua memória aos mais próximos acadêmica e politicamente. Trata-se de tornar vivas suas idéias, sem economizar polêmicas e reflexões. Esta é minha homenagem. Obrigada Ruth, pelas raízes e pelas asas.

Regina Novaes

Antropóloga, foi profa do IFCS/UFRJ, é pesquisadora do CNPq.